

VISÃO DO CORREIO

A Amazônia sufocada

A Amazônia é o maior sistema tropical do planeta, uma máquina climática que regula chuvas, temperatura e biodiversidade em escala continental. Cientistas estudam seus ciclos há décadas, publicam alertas em periódicos internacionais e apresentam dados cada vez mais precisos sobre o que está acontecendo com ela. O Brasil tem acesso a todo esse conhecimento. E segue fazendo escolhas que contradizem cada linha desse acervo científico.

Uma pesquisa do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) analisou 15 anos de medições de carbono na floresta e chegou a conclusões que deveriam paralisar qualquer debate sobre desenvolvimento a qualquer custo. Nos anos em que a atividade humana foi mais intensa, com desmatamento, queimadas e degradação, as emissões de carbono chegaram a 1,58 bilhão de toneladas anuais. Nos anos mais úmidos e com menor pressão humana, esse número caiu para 408 milhões de toneladas. A diferença entre cuidar e destruir é de quase 1,2 bilhão de toneladas de CO2 por ano. Em 46 anos de dados climáticos, a temperatura média anual da região subiu 1,13°C. A precipitação média caiu 8%. O volume máximo de chuvas na seca recuou 20%.

A Amazônia não sofre de um único problema. Sofre de um acúmulo. O desmatamento abre clareiras que ressecam o solo e reduzem a evapotranspiração, enfraquecendo o ciclo de chuvas que a própria floresta produz. As queimadas liberam carbono acumulado por décadas e destroem a camada de matéria orgânica que sustenta a biodiversidade. As secas, cada vez mais longas e severas, amplificam o impacto de cada árvore derrubada e de cada foco de incêndio. A degradação silenciosa — aquela que não aparece nas imagens de

satélite de desmatamento bruto — corrói a floresta por dentro, fragmentando habitats e rompendo as conexões ecológicas que mantêm o sistema funcionando.

A Amazônia abriga o maior sistema de rios de água doce do planeta, responsável por cerca de 20% de toda a água doce que flui para os oceanos. Seus rios alimentam aquíferos, regulam o nível das chuvas em regiões distantes, incluindo boa parte do Brasil Central e da bacia do Rio da Prata, e sustentam comunidades ribeirinhas e povos indígenas há milênios. A biodiversidade amazônica concentra cerca de 10% de todas as espécies conhecidas da Terra, muitas delas ainda não catalogadas pela ciência. Perder a Amazônia seria a maior catástrofe ambiental dos próximos séculos.

Os sinais de que caminhamos nessa direção já são visíveis. O ponto de inflexão, conceito que os pesquisadores citam no estudo, será o momento em que a floresta deixa de se regenerar e começa a se transformar em savana. Alguns modelos climáticos indicam que partes do leste e do sul da floresta já atingiram ou estão próximas desse limiar.

O Brasil detém cerca de 60% da Amazônia. Essa proporção é também uma responsabilidade que o país carrega com consistência apenas nos discursos. O que o estudo do Inpe, liderado por Luciana Gatti e seus 32 colaboradores e publicado na *Nature*, deixa claro é que a floresta responde diretamente ao que fazemos com ela. Reduzir queimadas, conter o desmatamento e investir em monitoramento e fiscalização efetiva são medidas com efeito comprovado. O Brasil precisa assumir de vez seu papel de guardião da Amazônia, com políticas de longo prazo, metas vinculantes e recursos à altura da dimensão do problema. O estudo mostra o caminho. A questão é se haverá decisão política para percorrê-lo.



ROBERTO FONSECA

robertofonseca.df@dabr.com.br

Três certezas da eleição

Vamos às urnas daqui a dois dias para definir o próximo presidente da República e os seis governadores que faltam. Tudo indica que o cenário de imprevisibilidade na corrida pelo Palácio do Planalto continuará até o fim. Será uma apuração tensa, sem ser possível cravar antecipadamente quem sairá vitorioso. A campanha de 2026 se aproxima do fim, mas deixa três certezas.

A primeira é o peso das redes sociais. Nas últimas 48 horas de campanha, o eleitor será exposto a uma enxurrada de vídeos, mensagens e recortes, sobretudo do debate de hoje à noite na Globo. As plataformas digitais ganharam muito dinheiro com a disputa eleitoral. Prestações de contas parciais mostram que a Meta, dona do Facebook, Instagram e WhatsApp, recebeu mais de R\$ 304 milhões com verificação de contas, anúncios e impulsionamento de publicações.

A corrida pela atenção do eleitor também produziu estratégias bem diferentes no segundo turno. Campeão de votos, o deputado federal Nikolas Ferreira (PL) concentrou esforços no Instagram, com a publicação frequente de reels. André Janones (Rede) fez do WhatsApp a principal ferramenta, com reflexos até nas buscas do Google. À frente do canal Exército de Lula, que reúne mais de 8 milhões de participantes, Janones apostou na gamificação: transformou o engajamento político em uma competição entre apoiadores.

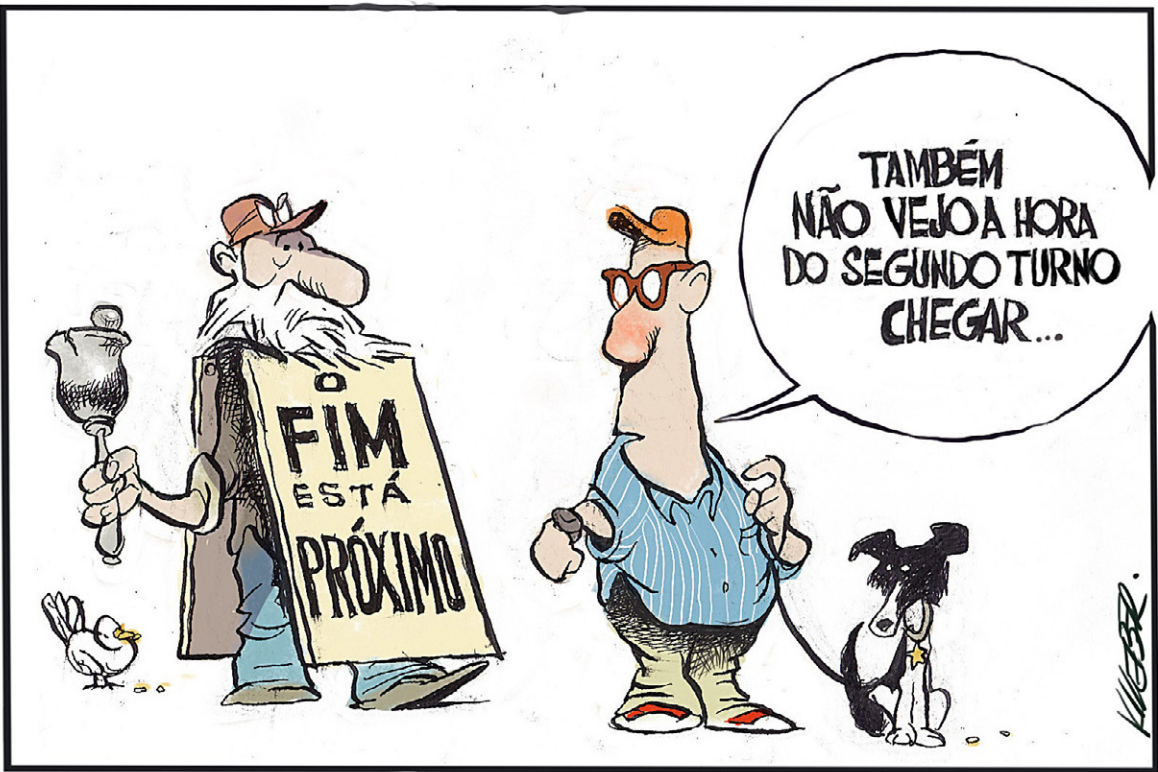
A segunda está no peso do voto decidido de última hora. Pesquisa Meio/Ideia divulgada na quarta-feira aponta que quase 20% dos entrevistados escolheram o candidato nas 48 horas finais do primeiro turno. Entre eles, 9,3% só decidiram diante da urna. Em uma eleição disputada voto a voto, é um contingente que faz diferença. É nessa reta final que a campa-

nha digital tenta alcançar quem ainda hesita. Vídeos, mensagens e disparos em massa servem para convencer indecisos, mas também contribui para consolidar escolhas recém-formadas. Se esse eleitorado se distribuir de maneira desigual entre os candidatos, ajudar a explicar por que o resultado das urnas não coincide exatamente com o retrato das pesquisas.

A terceira certeza vai se concretizar no domingo à noite: o vencedor terá pela frente um país dividido. Esta é a terceira eleição presidencial consecutiva em que o antagonismo entre lulismo e bolsonarismo ocupa o centro da disputa. A polarização está consolidada, ao tempo que os partidos de centro perderam espaço e não conseguiram apresentar uma alternativa capaz de mobilizar apoio popular suficiente para romper a lógica dos dois campos.

O Brasil conhece outros extremos políticos profundos. Getulistas e antigetulistas marcaram boa parte da história política nacional. Durante o regime militar, ser oposição podia custar a liberdade e até a vida. Com a redemocratização, PT e PSDB passaram a disputar o Planalto em embates duros, com acusações e divergências ideológicas. Hoje, aquela polarização parece menos intensa diante da hostilidade que marca a relação entre lulistas e bolsonaristas.

Só que há uma diferença importante entre disputar o poder e tratar o adversário como inimigo. A democracia pressupõe que os dois lados reconheçam a legitimidade um do outro, inclusive quando o resultado desagrada. O presidente eleito terá de lidar com esse quadro. Governar exige negociar, ouvir e tomar decisões que afetam também quem votou no concorrente. A apuração acaba no domingo, mas a divisão que esta eleição expôs continuará na segunda-feira. Reduzi-la será um dos maiores desafios do próximo governo.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.

» E-mail: sredit.df@dabr.com.br. O Correio reserva-se o direito de resumir os textos enviados.

Reversão na JK

Há necessidade de aperfeiçoamento dessas medidas de reversão na Ponte JK. O retorno para o Lago Sul ficou totalmente prejudicado. Ao contrário do que disse o Departamento de Estrada e Rodagem (DER) sobre não ter ocorrido desordem no primeiro dia do teste, houve um grande congestionamento no sentido Plano Piloto Lago Sul. A empregada doméstica de uma vizinha levou 40 minutos para chegar ao trabalho.

» **Paulo F. Costa**
Lago Sul

Meu voto de domingo 1

Excelente artigo da jornalista Cida Barbosa “Meu voto de domingo” (CB, 22 de outubro). Parabéns! Votarei como Cida. Aspas candentes para ela: “Quando eu for votar domingo, levarei comigo as lembranças do nosso passado recente, de um país que sofreu com o enfraquecimento das políticas públicas, com a devastação ambiental, com o desrespeito diário, com as tentativas de derrotar a democracia”. Não deixem de votar. Perto dos 82 anos, não abro mão dos meus direitos. Saiam do sofá. Estiquem as canelas. Abram os olhos. Vamos varrer os indesejáveis de nossas vidas.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Meu voto de domingo 2

Um bom jornal preza pela imparcialidade e independência. No entanto, o **Correio Braziliense** de quinta-feira, 22 de outubro, publicou um artigo de Cida Barbosa intitulado “Meu voto de domingo”, em que ela, apesar de o voto ser secreto, declara em quem vai votar para presidente da República no segundo turno das eleições. Erraram a colunista e o **Correio Braziliense** por contrariar o artigo 14 da Constituição Federal: “A soberania do povo é exercida pelo sufrágio universal e pelo voto direto e secreto”.

» **Marcus A. Minervino**
Lago Sul

O preço da verdade

Você já imaginou como funcionava a cabeça das pessoas quando a teoria vigente era geocêntrica? Mestres e alunos olhavam para a Via Láctea e entendiam que todo o Universo girava em torno da Terra. Pense no tamanho do ego dessas pessoas, entendendo que era para elas

» correiobraziliense.com.br

ARTIGO

Em artigo *Segundo turno: como discordar sem transformar o outro em inimigo?*, o pesquisador em neurociência aplicada aos negócios Sandro Eduardo escreve sobre como a neurociência explica a polarização e o que fazer para evitar conflitos nesta reta final das eleições. Confira no site do **Correio**

CB PODER

Em entrevista a jornalistas do **Correio**, Lúcio Rennó, professor de ciência política da Universidade de Brasília (UnB), avalia o efeito da mobilização petista na reta final da campanha, as transformações pelas quais passou o PL nos últimos anos e possíveis impactos do desalento eleitoral no resultado final do pleito.



Aponte a câmera e confira o vídeo na íntegra

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

ANJ WZ
associação
web

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS 

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br